

Fé, Amor e Esperança

Uma abordagem bíblica *

Huberto Kirchheim
Günter K. F. Wehrmann

A – INTRODUÇÃO:

I – O PORQUÊ DO TEMA E DO SUB-TEMA?

Vivemos num

mundo de sincretismo, pluralismo, concorrência de credos, disputa espiritual por parte do homem pelo homem.

– Tema prioritário da IECLB: "UNIDADE NA PLURALIDADE" visa definir o que vemos e não cremos.

– Preocupação constante da IECLB, comunidades e pastores e Conselho Diretor com a busca da identidade. Esta encontraremos na medida em que nos voltarmos à própria origem e base de nossa fé evangélica de confissão luterana, ou seja à Bíblia e aos Escritos Confessionais.

Tentativa de compreender e atualizá-las para dentro de nossa realidade.

– De onde venho, para onde vou e onde estou – **definição de identidade.**

– Tudo isto Paulo resume nas palavras **fé, amor e esperança.**

II – ANÁLISE SITUACIONAL DA IECLB

1 – RAZÕES HISTÓRICAS

- a) Começou-se a sentir que havia e continuava havendo diversas e até opostas identidades confessionais a partir dos Sínodos;

(*) Palestra apresentada no seminário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, em Camboriú/SC, abril de 1980.

- b) que a própria constituição dos 4 Sínodos em IECLB foi muito mais uma imposição das lideranças da Igreja do que manifestação da vontade das bases a partir de um envolvimento consciente no processo;
- c) que, devido à necessidade premente de obreiros, a IECLB abriu às suas portas, muitas vezes acriticamente, para pastores que representavam e realizavam tendências teológicas que não coadunavam com a base confessional da IECLB.

CONCLUSÃO:

As acima expostas razões representam motivações e causas fundamentais para as lacunas existentes na IECLB e possibilitaram o surgimento de tendências teológicas opostas e, conseqüentemente, a formação de movimentos.

A seguir tentaremos descrever os movimentos existentes na IECLB, a partir do que sentimos, vivenciamos e com o que, às vezes, até sofremos. De princípio não intencionamos rotular ou engavetar pessoas, pois isto, em nada ajudaria na busca pela unidade, mas sim, colaboraria para um ainda maior distanciamento.

2 – TENTATIVA DE DESCREVER OS MOVIMENTOS EXISTENTES NA IECLB:

- a) Alguns ou até muitos se acomodaram numa **Igreja de mero atendimento**, devido às circunstâncias geográficas, sociológicas, políticas ou, mesmo por questões pessoais e espirituais.
- b) Outros, porém, diante desta situação desanimadora ficaram alarmados e intranqüilos e não se conformaram. Ansiavam por despertamento e avivamento espiritual. Não temos direito nenhum de menosprezar e desvalorizar tal fome e sede. Elas são legítimas e necessárias!

Mas, ao invés de buscar renovação e auxílio na tradição e experiência luterana da própria Igreja, aceitou-se, muitas vezes de maneira acrítica, influências de fora, com fortes tendências batistas ou metodistas. Verdade é que, através deste movimento, aconteceu algum avivamento espiritual. Por exemplo: estudo da palavra, oração, compartilhamento, comunhão, engajamento em termos de tempo, dons e dinheiro, campanhas evangelísticas etc. Enfatizou-se na pregação evangelística a **necessidade de aceitar Cristo, a necessidade**

de conversão e da prática da fé; chegou-se a estabelecer uma seqüência no sentido de conversão, renascimento, justificação, santificação, ser instrumento de evangelização. A própria Bíblia, às vezes, foi interpretada ao pé da letra (fundamentalismo), possibilitando o surgimento de leis anti-evangélicas. Fez-se também uma nítida distinção entre crentes e não crentes, entre convertidos e não-convertidos. Considerou-se, em princípio, o mundo irredimível, cuja conseqüência é um certo desinteresse no engajamento sócio-político e ecumênico. O trabalho pastoral-comunitário começou a ser julgado pelos “frutos visíveis”, ou seja pelo número de “pessoas que eu levei a Cristo”, pelo número de colaboradores leigos, pelo número de grupos de estudo bíblico, pela quantia de contribuição dos membros para o Reino de Deus. Parece-me, muitas vezes, necessário **comprovar** a fé e os frutos da mesma.

Pergunto:

Será que aquele que faz confusão, “o diábolos”, transformou, de maneira sutil, a nossa justificação por graça e fé em autojustificação? Será que ele está tentando fazer de uma Igreja sob a cruz uma Igreja da glória? Será que ele está nos desviando do fundamento da Reforma que Lutero resumiu em: “Somente pela graça; somente por Cristo e somente na escritura” levando-nos novamente para um “sinergismo” e para a escravidão da lei?

- c) No entanto, onde aparentemente “Deus está dando muitos frutos”, outros sentem a falta de expressão denunciadora e transformadora da fé. Partindo do Evangelho e vendo a injustiça socio-política, perguntam: Por que 3% da população brasileira pertence à classe alta e 17% à classe média, enquanto 80% do povo é pobre? Por que a renda não é melhor distribuída? Quais são as causas e raízes que geram esta miséria? De que forma o Evangelho deve denunciar estas injustiças e de que forma ele pode transformar a situação? De que forma nós, como Igreja, nos devemos colocar ao lado dos oprimidos e pobres, através de sinais bem concretos e visíveis? Tais perguntas, muitas vezes, levam pessoas e grupos a um admirável engajamento sócio-político e também a sacrifícios pessoais.

Mas também aí, muitas vezes, se torna necessário **comprovar** a própria fé e os frutos da mesma. E o trabalho pastoral-comunitário começa a ser julgado pelos “frutos visíveis”, ou seja, pelo número de grupos de base que eu tenho, pelo número de publicações denunciadoras e conscientizadoras que fiz, pelo número de cruzeiros que eu sacrifiquei pela causa justa etc.

Pergunto: Será que também aqui "o diábolos" está transformando a nossa justificação por graça e fé em autojustificação? Será que ele está nos desviando da esperança nos "novos céus e nova terra nos quais habita justiça" que, sem dúvida, já agora requerem sinais concretos, para uma esperança puramente imanente? Será que ele também aqui tenta desviar-nos da cruz, fazendo de nós uma Igreja de glória? Será que basta somente conscientizar o povo da situação sócio-política e apelar à ação?

- d) Ainda há outros que não se enquadram nem cá nem lá e que por causa disso, às vezes, são chamados de "os que estão em cima do muro". (Não quero discutir o mérito deste rótulo; aliás, estou convicto do fato de que todos os rótulos, também os de "evangelicais" ou "sócio-político" não ajudam em nada na busca pela unidade, pelo contrário, ainda mais separam).

As pessoas deste movimento procuram pensar, pregar, testemunhar e agir de maneira diferenciada. Por causa disso, muitas vezes, não são ouvidas e se retraem.

Pergunto: Será que estas pessoas, por não pertencerem a nenhum dos dois movimentos supramencionados, caem no perigo de se autojustificarem diante dos outros e assim perderem a justificação por graça e fé? Será que elas se engajam suficientemente e humildemente no diálogo com os irmãos? Será que elas sempre estão cientes do fato de que ninguém tem a verdade, mas que a verdade quer dispor sobre todos nós? Será que elas se retraem por comodismo ou resignação?

e) **Conclusão:**

podemos perceber que os 3 movimentos, descritos de maneira limitada, apontam para lacunas existentes em nossa Igreja, e, por conseguinte, devem ser levados a sério. Parece que uma das causas do surgimento destes diferentes movimentos reside na falta de clareza sobre a definição e intercalação de fé, amor e esperança.

Em vista disso consideramos necessário, em passos seguintes, descobrir, à luz do Evangelho, e dos escritos confessionais da IECLB, uma definição claramente evangélica de Fé, Amor e Esperança e sua conseqüente intercalação.

B – I: BUSCA POR DEFINIÇÃO EVANGÉLICA DE FÉ – AMOR – ESPERANÇA:

1 – DEFINIÇÃO DE FÉ

De acordo com o testemunho bíblico geral, a fé não é algo que o homem pode fazer, produzir ou conquistar pelo esforço próprio. Isto corresponderia ao conceito de fé da comunidade de Qumrã onde se afirmava: “Deus os salvará da casa do juízo por causa do seu trabalho penoso e sacrifício e por causa de sua fidelidade para com o Mestre da Justiça”. No entanto, a fé é originada e causada pelo próprio Deus e sua ação misericordiosa na história do homem. Podemos lembrar também a explicação de Lutero do 3º artigo do Credo Apostólico: “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé”... Os derivados da palavra fé – **crer, fiel, confiante, incredulidade, não crer, incrédulo** nos ajudam na compreensão mais ampla da fé. Estes derivados descrevem um comportamento correspondente ao pacto que Deus fez com o povo de Israel (confira Abraão) e os cristãos (confira batismo).

A fé é caracterizada em Abraão pelo ouvir da palavra de Deus, no confiar na mesma contra toda e qualquer racionalidade, (Gn. 12, 15.22). Ela recebeu a sua firmeza pela palavra da promessa, que lhe abria a perspectiva da esperança futura, contando, única e exclusivamente com as possibilidades de Deus. Representa um desafio para uma entrega confiante e obediente a Deus, em termos de desprendimento do passado em favor de uma caminhada para um futuro humanamente imprevisível. Tal fé, que se arrisca totalmente, só pode estar fundamentada na fidelidade de Deus. Importa que esta fé, apesar da sua dimensão pessoal, tenha, inerente em si mesma, a dimensão do coletivo, de povo e demais nações. As calamidades sempre surgiram quando se perdeu esta dimensão universal da fé em favor de um particularismo e individualismo (Exemplo: luta dos profetas).

As características da fé: confiança, entrega, obediência e esperança, em princípio, são as mesmas no contexto da nova aliança. A diferença, porém, consiste na revelação do amor de Deus em Jesus Cristo.

Ela é fundamento, origem, orientação e alvo da fé. Assim como a promessa de Deus era irracional e loucura para Abraão, da mesma forma a revelação do amor de Deus na cruz e ressurreição de Jesus Cristo era, é e continuará sendo loucura para a razão humana.

(1. Cor. 1,18). Conseqüentemente o milagre da fé só pode ter a sua origem e renovação constante na ação de Deus pelo Espírito Santo. Isto se evidencia e concretiza de maneira visível no sacramento do Santo Batismo, que representa o morrer e ser crucificado do velho homem com Cristo e o ressuscitar do novo homem com Cristo para uma nova vida condizente com a aliança (cf. Rm 6,4). Ao mesmo tempo somos incorporados no corpo de Cristo que é universal (1. Cor. 12,13). Nesta nova realidade de vida importa vivenciar diariamente o batismo, em termos do morrer e ressuscitar, conforme diz a 5ª diretriz de Kurt Frör a CA 9: "Enquanto vivemos, o nosso batismo nos deve conduzir à penitência e à fé". (1)

O batismo é um ato de Deus em nós que deve ser considerado único e definitivo. Tal ato não pode ser repetido. Cada dia devemos, porém, voltar a ele, deixando-nos por ele guiar para a morte e para a ressurreição com Cristo. Em todas as tentações receberemos conforto pelo fato de Cristo nos ter perdoado os pecados pelo batismo e por nos ter aceito para sermos sua propriedade eterna.

Isto nos faz lembrar do fato de sermos "pequenos" (Mc. 10,15). Para não haver dúvidas a respeito da participação humana, convém ainda ressaltar o que diz Frör na 3ª diretriz de CA 9: "Batismo e fé não devem ser separados. A fé aceita e recebe o que o batismo dá. Sua dádiva, porém, não depende de nossa fé. O ato de Deus sempre antecede a nossa fé. A fé não é condição para a ação criadora de Deus, mas é a resposta a ela." (2).

A dimensão futura, escatológica é expressa por Frör na 6ª diretriz de CA 9: "Através de nosso batismo participamos da ressurreição dos mortos e da vida do mundo futuro. Assim como fomos reconciliados com Deus pelo sangue de Cristo, também participaremos de sua ressurreição e de sua eterna glória" (3).

Paulo pode expressar tudo isto pelas palavras: "justificação pela fé sem as obras da lei", o que é puramente graça, dádiva e presente. Conforme CA 20: "Ensinamos: Em primeiro lugar – que as nossas obras não nos reconciliam com Deus, nem alcançam a graça, mas isso sucede unicamente pela fé, quando cremos que os nossos pecados nos sejam perdoados por amor de Cristo, o único mediador capaz de reconciliar o Pai. Quem julga ser capaz de conseguir isso por meio de obras, pretendendo merecer a graça de

(1) Cf. Kurt Frör, *A Confissão de Augsburg comentada para a doutrina nos estabelecimentos de ensino secundário*, (São Leopoldo 1965), pág. 42.

(2) idem, pág. 41.

(3) idem, pág. 42. Quanto ao batismo de crianças, observe-se as palavras de Frör na 4ª diretriz para CA 9.

Deus, este despreza Cristo, procurando um caminho próprio para Deus, o que é contrário ao evangelho. Pois a consciência não pode alcançar a paz por meio de obras, mas somente pela fé, concluindo consigo mesma com toda a certeza que por amor de Cristo possui um Deus gracioso, como também diz o apóstolo Paulo: 'Justificados mediante a fé, temos paz com Deus' (Rom. 5,1).

Ensinamos ainda que boas obras deverão ser feitas, não para confiarmos nelas, no sentido de por elas querer merecer a graça, mas sim por amor a Deus e para o seu louvor. A fé não quer nada além da graça e do perdão dos pecados. E como pela fé é dado o Espírito Santo, o coração se torna apto a fazer obras boas". Deste indicativo resultam os imperativos que visam a manifestação de nova vida no dia a dia neste mundo. Isto representa a mais legítima expressão missionária. Esta nova vida é determinada, acima de tudo, pelo amor, no seu duplo sentido (cf. Mt. 22,37-40; 1.Cor. 13,13 – Mc. 12,28ss).

Conclusão: A vida na Fé é uma caminhada em comunhão sob a cruz, como expressão de sofrimento, juízo e amor, e que tem como ponto de partida e alvo a esperança da salvação eterna.

2 – DEFINIÇÃO DE AMOR

De acordo com o testemunho bíblico geral, o amor não é algo que o homem possa fazer, produzir ou conquistar pelo esforço próprio. Deus oferece o seu amor a todos os homens gratuita – e incondicionalmente.

Toda a Bíblia, da primeira à última página, é testemunho, da manifestação de Deus em amor, em forma de juízo e graça, aos homens. Isto se evidencia aos olhos da fé, por exemplo: na criação, na proto-história, escolha de Abraão, escolha do povo, na história dos reis e profetas, no exílio, no retorno dos exilados, nas promessas da vinda do Messias, na própria vinda de Cristo, na pregação e ação de Jesus Cristo, na cruz e ressurreição de Cristo, na vinda do Espírito Santo, na fundação e manutenção da Igreja, na vivência e missão da Igreja, na promessa da segunda vinda de Cristo, na promessa da eliminação definitiva da morte e do mal e do erguimento do Reino eterno.

Deus, no seu amor misericordioso, sempre esperava, espera e continuará esperando pelo amor recíproco por parte do homem. Cristo descreve e resume o amor recíproco no duplo mandamento do amor (Mc. 12, 28-34). Desta maneira ele resume a vontade de Deus, expressa em toda a Bíblia. Com isto, de maneira nenhuma é dito que Deus se reduz ou dissolve no amor entre os homens. Mas

exatamente isto é o que afirma a assim chamada "Teologia da morte de Deus". Ela surgiu em protesto à uma negligência da responsabilidade social dos cristãos. Mas, por sua vez, incorreu no erro fatal de superacentuar o amor imanente, tornando-se moralista e apelativa, e, conseqüentemente, nega o amor transcendental.

Parece que este conceito está por detrás de certos movimentos sócio-políticos, socialistas e marxistas, humanistas e filantrópicos. Até que ponto a perda do Deus "extra nós" também se evidencia em determinados movimentos pietistas, na medida em que superacentuam "o fazer discípulos", o "fazer comunhão", "fazer obreiros leigos", "promover santificação" e, na medida em que superacentuavam a participação humana na salvação e nos sacramentos? Neste sentido também podemos perguntar: Será que atrás de expressões como – "aceitar Cristo", "abraçar a fé", "convertir-me" está a perda do Deus "extra nós"? Ou serão apenas formas de expressão?

Como deve ser compreendido, de maneira evangélica, o duplo mandamento do amor? Conforme o testemunho bíblico, Deus já se revelou a nós, antes de nós termos consciência dele. Isto significa: Antes de nós termos pensado, desejado ou até existido, Deus já pensou em nós com amor e nos escolheu e salvou. Portanto, o Deus "extra nós", significa sempre que dele partiu, parte e partirá o primeiro e último passo. Todos os outros passos que nós damos são motivados e possibilitados pelo Deus "extra nós". Está é a única justificativa para o imperativo do amor a Deus e ao próximo. O amor a Deus quer ter expressão concreta e diária no estar à sua disposição para ouvi-lo, falar-lhe, em oração, ter comunhão com ele, louvá-lo, adorá-lo e glorificá-lo, prestar-lhe culto. Tudo isto é concretização do amor a Deus como resposta ao Deus que nos amou primeiro. A partir disso Deus possibilita a vivência do amor ao próximo. Este, por sua vez, também deve manifestar-se de maneira incondicional, i.é, não interesseiro, nem calculista, mas:" 1. Cor. 13, 4 - 7: "O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Este amor universal, sem distinção alguma, até inclui os inimigos. (Mt. 5,44). Conforme Fp. 2, 5-11 este amor quer esvaziar-se e colocar-se ao lado dos pequenos (Mc. 10,15), pobres, famintos, presos e marginalizados (Mt.25, 35-36). Nesta dimensão do amor está inclusa a disposição de seguir a Cristo e assumir a cruz.

Diante deste conceito radical de amor a Deus e ao próximo, nós cristãos só podemos confessar o nosso fracasso, por mais que

sejamos piedosos, exitosos, dedicados e dispostos para o sacrifício (cf. 1 Cor. 13, 1-3).

Apesar do fracasso da nossa vivência em amor, o amor de Deus (cruz, ressurreição, novos céus e nova terra) permanece e desperta em nós a fé, que vive do perdão e confia na renovação e transformação de todas as cousas.

Conclusão:

O amor de Deus veio, vem e virá ao encontro dos homens, provoca e possibilita o amor recíproco para com Deus e os homens. Em suma, tal amor é a concretização da fé e da esperança.

3 – DEFINIÇÃO DE ESPERANÇA:

O ditado popular diz: "A esperança é a última que morre". Com isso se confessa que, em última análise, não há esperança, pois ela também morre. Já os antigos gregos manifestavam esta idéia fatalista. Em Sófocles o coro lamenta: "Nunca ter nascido para a vida, permanece sendo o máximo". Expressões semelhantes são assumidas e apregoadas pela filosofia existencialista dos nossos dias.

Também a Bíblia afirma que, do ponto de vista humano, não há possibilidade de esperança, em termos de uma vida abundante, feliz, ou seja, vida em comunhão plena com Deus e os homens. Em vista disso, todas as tentativas e esforços humanos de criar e projetar esperança, indubitavelmente levam ao fracasso e à frustração do homem. Lembramos Gênesis 8,21 ("mau o desígnio íntimo do homem"), Rm. 3,23 ("todos pecaram e carecem da glória de Deus"), Rm 11,32 ("Deus a todos encerrou na desobediência") Ec 2,11 ("Eis que tudo |esforço e capricho humano| era vaidade e correr atrás do vento e nenhum proveito havia debaixo do sol").

A Bíblia desmascara radicalmente todo e qualquer tipo de esperança e segurança falsas, que não podem cumprir o que prometem (vida feliz – abundante!). Isto pode significar que o homem coloque a sua confiança e esperança em deuses, ou seja, em coisas espirituais, materiais, ou em pessoas (religiões, filosofias, ideologias, seguros, bens pessoais: pai, mãe, filhos, amigos, mestre, ídolo etc...). Tudo isto é esperança falsa, visto ser passageira e me abandonar o mais tardar na hora da morte.

No entanto, Deus não quer que isto nos aconteça. Por isso nos deu o 1º mandamento, no qual se apresenta como o que salvou, salva e salvará (Êx 20, 2 e 3). Ele é eterno, fiel. Não nos deixará

nunca! É o único digno de merecer a nossa esperança e confiança. Esta fidelidade e este amor misericordioso de Deus culminam na vinda, na cruz e ressurreição e na volta de Cristo. Somente ele, através do Espírito Santo, dá e é origem, fundamento e o alvo para a nossa única e verdadeira esperança.

Por causa de Cristo esperamos "justificação diante de Deus, por graça, sem as obras da lei". (veja CA 4.)

Esta esperança nos liberta de qualquer tentativa de auto-justificação, seja pelas obras de piedade e amor, seja pela fé e santidade por mérito, seja por sucesso e êxito, seja por opções, decisões ou sacrifícios.

Por causa de Cristo podemos viver do perdão diário, que faz com que sejamos pequenos, humildes e misericordiosos para com o nosso semelhante. Ao mesmo tempo ele nos capacita para vê-los com os olhos de Deus, e perdoá-lo, aceitá-lo e amá-lo. Por conseguinte podemos esperar que o matrimônio não se desintegre e que a unidade na Igreja não se rompa. Porque: os que se amam vivem do perdão. Desta feita esperamos por nova comunhão em e por causa de Cristo, já agora, em termos de sinais.

Por causa de Cristo esperamos "por novos céus e nova terra nos quais habita justiça" já agora e ainda não. Cristo nos faz ver as injustiças e as suas raízes e nos faz denunciar e confessá-las. Liberta-nos do "eu" para o "tu". Desta maneira compreendemos que tudo o que somos e possuímos, nos foi emprestado e confiado com o objetivo de serviço ao próximo. A partir desta nova realidade aprendemos a repartir com o necessitado e a lutar por estruturas mais justas. Não nos é dado construir já aqui e agora os novos céus e a nova terra. Todavia, a partir da própria esperança, somos motivados, como indivíduo e Igreja, a erguer sinais visíveis e concretos, que apontam em direção à consumação da esperança na eternidade.

Sempre, quando nós cristãos, individualmente e coletivamente como Igreja, perdemos de vista esta duplicidade da esperança, surgirão distorções, heresias e violações. Perguntamos: Será que nós, às vezes, pregamos e vivemos como se já fôssemos salvos definitivamente? Como se "o último inimigo", a morte, com todas as suas manifestações, não mais existisse?

Será que nós às vezes, pregamos e vivemos como se tivéssemos que erguer aqui e agora o novo mundo libertado, no qual habita justiça?

B – II: A INTERCALAÇÃO ENTRE OS TRÊS E A SUPREMACIA DO AMOR:

1 – A INTERRELAÇÃO ENTRE OS TRÊS:

- a) Ao descrevermos a definição de fé, esperança e amor, já se evidenciou a interrelação existente entre os três. Todos eles são oriundos da ação misericordiosa de Deus.
- b) Conseqüentemente a natureza humana não tem possibilidade de adquiri-los e nem de realizá-los pelo próprio esforço.
- c) Tal fé, esperança e amor foram vivenciados de maneira plena e única por Jesus Cristo, evidenciando, desta forma, o "solus Christus".
- d) Por causa de Cristo os três são oferecidos de maneira gratuita e incondicional a todos, através da pregação da palavra e dos sacramentos.
- e) Os três são motivados e originados no homem pelo Espírito Santo, por meio da Palavra pregada e dos sacramentos. Eles podem ser vivenciados aqui apenas em parte (1 Cor. 13,9).
- f) Os três são o testemunho em palavra, ação e atitude, pelos quais Deus quer realizar a sua obra de evangelização e missão (transformação e libertação) neste mundo, até Cristo voltar. Este testemunho não acontece na glória, mas sob a cruz. Por conseguinte, os três tornam o homem pequeno e engrandecem somente a Deus.

2 – A SUPREMACIA DO AMOR:

- a) Conforme 1. Cor 13, 1-3 e 13 o apóstolo Paulo coloca em destaque o amor, desfazendo tudo, inclusive a maior fé sem amor. Por conseguinte o amor dá conteúdo e substância à fé e à esperança. Ele é a concretização das mesmas.
- b) Fé e esperança concretizam a vida cristã neste tempo passageiro. Significa que tanto fé, como esperança com vistas à eternidade, chegam ao seu fim, (em sentido duplo).
- c) Porém, o amor caracteriza a eternidade e o próprio Deus. Em virtude disso, o amor permanece.
- d) Por causa disso somente o amor dá sentido e expressão autêntica tanto à fé quanto à esperança.

- e) O amor no seu sentido duplo, que aqui experimentamos e vivenciamos apenas em "parte", representa um antegozo, um reflexo do amor eterno.
- f) Então, na eternidade, será aniquilado definitivamente tudo o que agora ainda se opõe ao amor (cf. 1. Cor. 15,26 – 1. Cor. 13, 10-12). Então conheceremos totalmente, amaremos perfeitamente (Salmo 126). Seremos povo de Deus totalmente liberto (Ap. 21, 1-5), estaremos "em casa do Pai" (João 14, 1-3) e viveremos nos "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça completa" (2 Pe. 3,13).

B III – DESAFIOS:

Observamos e sentimos, em todos os níveis e movimentos na IECLB, a realidade de instalação do desamor. Ele se manifesta em absolutizações, polarizações, agressões e marginalizações.

Na medida em que nos colocarmos sob o Evangelho, testemunhado na Bíblia e nos Escritos Confessionais da IECLB, descobrimos a supremacia do amor. Somente ele dá sentido, conteúdo e expressão autêntica à nossa fé e esperança.

Conseqüentemente a nossa fé e esperança são questionadas profundamente e até aniquiladas por causa da instalação do desamor. (1. Cor. 13,1-3).

Desafio 1 – Será que o caminho da nossa IECLB na busca pela Unidade na Pluralidade, pode ser outro do que reconhecermos e confessarmos o nosso pecado individual e coletivamente, e realizarmos arrependimento? Somente como "pequenos" podemos ter comunhão com Deus e os homens sob a cruz. Tal arrependimento deverá levar-nos de volta para o centro da fé, da esperança e do amor. Desta maneira, se torna evidente que o problema crucial na nossa IECLB não é tanto estrutural, mas, acima de tudo, e essencialmente teológico, na compreensão exata da palavra.

Desafio 2 – Considerando as polarizações entre acentuação de espiritualidade aqui e engajamento sócio-político lá, sentimos que não adianta tentar equilibrar, intermediar ou até ignorar esta realidade, mas importa, em termos de arrependimento, permitir que Deus mesmo nos faça buscar e descobrir no, sob, e através do Evangelho, testemunhado na Bíblia e nos Escritos Confessionais, a verdadeira motivação, fundamentação e expressão da fé, esperança e do amor. Isto implica num estudo sério e engajado de teologia, cristologia e pneumatologia verdadeiras. Assim o Deus "extra nós"

pode libertar-nos de qualquer forma de sinergismo ou autojustificação que sempre levam à frustração, para a “justificação por graça” que se traduz em novidade de vida em forma de sinais. (“em parte” 1. Cor. 13).

Desafio 3 – Considerando que, às vezes, pregamos e vivemos como se já fôssemos salvos definitivamente e como se o último inimigo não mais existisse, e considerando que, às vezes, pregamos e vivemos como se nós tivéssemos que erguer aqui e agora o Reino da justiça plena, verificamos uma inclinação ou até distorção da escatologia dialética no sentido do “já agora” e “ainda não” testemunhada na Bíblia e Escritos Confessionais.

Por causa de uma compreensão errônea, acima descrita, evidentemente surgem imposições, manipulações, violações, absolutizações, agressões, frustrações e decepções. Tudo isto se resume na instalação do desamor entre nós.

Será que não é urgente, que nós, através do estudo sério e engajado do Evangelho testemunhado na Bíblia e nos Escritos Confessionais, permitamos que o “Deus extra nós” nos faça perceber a verdadeira esperança escatológica em termos do “já agora” e “ainda não”?

Conclusão: Na medida em que Deus possibilitar a todos nós tal descoberta e vivência de fé, esperança e amor, poderemos esperar o acontecer da unidade na pluralidade em nossa IECLB. Desta forma ao mesmo tempo, estar-se-ia realizando verdadeira eclesiologia em nosso meio.

BIBLIOGRAFIA

- Eberhard Jüngel, Gott ist Liebe. Zur Unterscheidung von Glaube und Liebe, in: Gerhard Ebeling et alii (ed.), *Festschrift für Ernst Fuchs*, (Tübingen 1973), pág. 193-202.
- Oswald Becker/ Otto Michel, Art.: Glaube, in: Lothar Coenen et alii (ed.), *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*, Vol. I, 3ª edição, (Wuppertal 1972), pág. 560-576.
- Ernst Hoffmann, Art.: Hoffnung, in: *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*, Vol II/1 (Wuppertal 1969), pág. 722-726.
- Walther Günther/Hans-Georg Link, Art.: Liebe, in: *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*, Vol II/1 (Wuppertal 1969), pág. 895-906.

Günter Wehrmann, **Unidade na Pluralidade**, palestra apresentada no Seminário da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, em Camboriú, 1979 (mimeografada).